

A mala da discórdia

*Por Gislaine Buosi*

Angélica chegou de repente. Por certo, ainda saboreava o restinho do passeio no campo. “Achei essa mala... tava lá no alto da serra!” – foi o que ela me disse, colocando a mala no chão. “Não havia ninguém por perto... Então eu trouxe... Nem abri... Tão pesada!”

Não demorou, uma senhorinha surgiu no portão, dizendo que a mala lhe pertencia. Angélica e eu pegamos a mala e, assim, que a passaríamos à senhorinha, surgiu outra pessoa, aparentemente irritada: “Essa mala é minha!”

“Como assim?”, perguntou-lhe a senhora. “Eu disse que a mochila, digo, a mala é minha!”

A cena era estranha: no portão entreaberto, a mulher, sacudindo uma bengala, discutia com o rapaz. Ela alegava ser a verdadeira dona da mala – dizia que saíra a passeio e, como a tarde estivesse linda, ela se distraiu, contemplando o pôr do sol... e acabou esquecendo a mala, no alto da montanha. Claro que duvidei do que dizia a velhinha, porque, ao que tudo indicava, ela não tinha pernas tão firmes para subir a montanha.

Por sua vez, o rapaz, nervoso, dizia que a mala era dele – disse que, por uns minutos, havia deixado a mala no caminho, enquanto observava e acompanhava uma carreira de formigas de espécie rara, e que, ao retornar, já não encontrou a mochila. “Eu sou pesquisador, minha senhora!” Também não acreditei que a mala fosse dele, porque, afinal, o rapaz confundia “mala” com “mochila”.

A calçada de casa parecia um tribunal, tamanho o calor da discussão.

— Se a mala é da senhora, o que tem dentro? — perguntei à senhora. Ela tossiu e, meio insegura, disse:

— Lembranças de família!

O homem, com ar sério:

— Mentira. A mala é minha! Aí dentro tem coisas que uso em pesquisas, a respeito da sociedade de formigas!

Angélica, curiosa como sempre, não resistiu:

— Então vamos abrir a mala, para ver quem está dizendo a verdade!

Os dois gritaram ao mesmo tempo:

— Não!

Seguiu-se um silêncio. O rapaz e a senhora entreolharam-se, e, certamente, perceberam a incoerência daquele “não”. Pois bem! Angélica abriu a mala e, para surpresa de todos, havia ali oito potes de margarina, cheios de terra. A senhorinha disse que eram lembranças da fazenda da família. O rapaz contestou: “Conversa mole! Uso os potes de margarina cheios de terra porque, porque... ajudo as coitadinhas das formigas a construírem os formigueiros!”

Angélica, decidida, deu a cada um dos briguentos quatro potes, depois do que anunciou-lhes: “Fiquem com os potes, já que fazem questão deles. Com a mala, fico eu!”